



O autor analisa a recente aprovação do uso da vacina contra o HPV para combater o câncer do colo uterino.

O NOVO NÃO SUBSTITUI O VELHO

Revista Isto É
Artigo publicado em 15.11.06

A vacina anti-HPV (vírus do Papiloma Humano) é um grande avanço científico especialmente para o Brasil, que perde vergonhosamente cinco mil mulheres todos os anos de câncer de colo uterino, doença sexualmente transmissível, facilmente prevenível. Paradoxalmente, seu advento não afastará os cuidados anteriores que vinham sendo tomados parcialmente, mas se adicionará a eles.

A vacina não protege todas as mulheres, mas apenas as jovens que nunca

tiveram HPV e por um período de quatro a seis anos. Não há comprovação que ela sirva para tratá-lo. Existem dezenas de vírus HPV, e a vacina atua contra quatro deles – os tipos 6, 11, 16 e 18 –, que são os que podem causar, mais freqüentemente, doença neoplásica.

A vacina, portanto, não deve dar às jovens a sensação de que elas estejam protegidas amplamente, pois não evita Aids, DST (doenças sexualmente transmissíveis) e muito menos gravidez. Por isso, não dispensa o preservativo e outros cuidados anticoncepcionais.

A vacina é cara. As três doses necessárias ficam em 460 dólares e isso pode inviabilizar a distribuição universal e gratuita no serviço público para os 18 milhões

de mulheres entre nove e 20 anos que poderiam se beneficiar. Se o governo não definir claramente critérios de prioridade na sua aplicação, acabará sendo mais um dos tratamentos de elite, acentuando a forma que vem adquirindo a nossa medicina: saúde pobre para os pobres e colocada no mercado para os que podem pagar (com qualidade relacionada com o quanto pagam).

Mas atenção: o câncer de colo é uma doença nitidamente das mulheres pobres, assim como Aids nos dias de hoje. Por isso, epidemiológica e socialmente a pobreza aqui torna-se fator de risco e por isso deve-se priorizar o uso da vacina, e claro, gratuito.

A vacina, portanto, não deve dar às jovens a sensação de que elas estejam protegidas amplamente, pois não evita Aids, DST (doenças sexualmente transmissíveis) e muito menos gravidez. Por isso, não dispensa o preservativo e outros cuidados anticoncepcionais.

